

CEDI - P. I. B.
DATA 13, 08, 86
COD. 67 08

PROGRAMA AWA
RELATÓRIO INICIAL

Mércio Pereira Gomes,
Antropólogo e Coordenador
São Luis, 10 abril 1985

PROGRAMA AWA
RELATÓRIO INICIAL

INTRODUÇÃO

O Programa Awa foi concebido para se posicionar diante da problemática dos índios Awa-Guajá e tomar as medidas para criar uma política de ação visando os interesses de sobrevivência e continuidade étnica desse povo. Embora já venha existindo uma prática indigenista em relação aos Guajá - desde o primeiro contato oficial desses índios com uma equipe da FUNAI, em março de 1973 - pode-se afirmar que só a partir da criação do Programa Awa, tem-se o início de uma política indigenista global para enfrentar os problemas inerentes à relação "índios autônomos" versus sociedade nacional, levando-se em conta os problemas específicos ao povo Guajá.

A problemática Guajá consiste, resumidamente, da existência desse povo, caracteristicamente nômade e sem agricultura, que vive nas matas altas dos vales dos rios Pindaré, Turiaçu e Gurupi, sobretudo nos recônditos mais ermos e de difícil acesso, fugindo às pressões históricas e atuais da expansão da sociedade nacional. Se bem que haja notícias dos Guajá desde o século passado, espaçadamente mas contínuas, só a partir dos últimos vinte anos é que essas notícias falam do contato físico entre membros das frentes de expansão socio-econômicas regionais e grupos Guajá. Esse contato quase sempre vem seguido de mortes e sequestros de índios, o que eventualmente chamou a atenção do SPI/FUNAI e levou-o a tomar medidas de proteção, se bem que precárias e inúteis. Com a intensidade desses contatos acelerada pela expansão socio-econômica nos territórios Guajá, a FUNAI se viu obrigada a buscar um contato permanente com esses índios e trazer-lhes a assistência imprescindível à sua sobrevivência.

Assim, a problemática Guajá tem dois aspectos complementares. Um diz respeito às questões de âmbito externo ao povo Guajá, isto é, suas relações com o mundo à sua volta e as consequências dessa relação.

Este é o aspecto em que a intervenção do órgão de assistência ao índio é imprescindível à sobrevivência dos Guajá. Envolve não somente a preservação do patrimônio físico-geográfico dos Guajá, mas também a proteção de sua saúde face às modificações ecológico-sanitárias trazidas pelo contato direto ou indireto. Além do mais a natureza do contato, do ponto de vista cultural e político, tem que passar pela mediação do órgão assistencial para que não resulte em declínio psicológico e perda de sua auto-imagem de povo autônomo.

Esses aspectos externos são os mesmos que atingem outros "índios arredios", que mais bem deveriam ser chamados de "povos indígenas autônomos", isto é, aqueles povos indígenas que, vivendo o seu modo de vida tradicional e independente, se vêem repentinamente alcançados pelas frentes de expansão socioeconômicas, cujas conseqüências, ao longo da história do Brasil, e até agora aparentemente irremediáveis, têm sido um drástico declínio populacional, uma grande diminuição do seu território tradicional (e conseqüentemente, na melhor das hipóteses, um processo de enclausuramento) e uma brusca queda de sua auto-confiança como povo autônomo e auto-suficiente. Em muitos e muitos casos, documentados ou não, tem ocorrido a dizimação física total, o genocídio.

Por outro lado, há os aspectos internos, específicos de um povo sem agricultura e com alto grau de nomadismo, vivendo um modo de vida autônomo, em pequenos grupos de 04 a trinta pessoas que detêm um território condizente com o tamanho e mobilidade de sua população, o que equivale, estimativamente, a cerca de 400 km² por grupo. Embora não se tenha dados suficientes para calcular com precisão as estatísticas vitais dos Guajá, pode-se grosso modo estimar sua população em cerca de 300 indivíduos, dos quais tem-se conhecimento de 125. Sua expectativa de vida média é de mais ou menos 30 anos, sendo a sua mortalidade infantil de 300 por 1000, em situação de pré-contato. Desse modo, em média, uma mulher Guajá tem quatro gestações no seu período de fertilidade (15 a 30 anos) dos quais sobrevivem 2,8 filhos. Assim, a população Guajá teria condições de duplicar a cada duas gerações, se não fosse pelos percalços de contato, quase sempre inamistoso, com outros povos indígenas e regionais.

Guajá dados

Conjecturando-se ainda sobre a história demográfica dos Guajá, pode-se dizer que ela vem passando por altos e baixos desde meados do século passado, quando se tem as primeiras notícias de sua existência no estado do Maranhão e quando estava ainda em processo de transmigração ao seu território atual, vindo do Pará. Talvez no início do século sua população não chegasse a 600 pessoas. Viviam acossados pelos Urubu-Kaapor, ainda sem contato e portanto vigoroso e populoso e agressivo em relação aos Guajá, na altura das cabeceiras do rio Turiaçu e médio Gurupi, e pelos Guajajaras, no alto rio Caru, ainda vivendo em inúmeras aldeias na região. Com a diminuição drástica da população desses dois povos indígenas a partir da década de 30, o povo Guajá cresce em números, se expande e amplia as suas bases territoriais. É possível que tenha atingido o ápice de sua população por volta do início da década de 1950, com 800-1000 pessoas. Daí por diante começa o contato contínuo com as frentes regionais nos municípios de Monção, Bom Jardim, Santa Lu

Acervo ISA
zia e Pindaré, que os ceifou muitas vidas pela transmissão de doenças epidêmicas, tais como, sarampo, gripe, coqueluche e malária, e mesmo pelo assassinato premeditado. Igualmente ocorreu o dispersamento de vários segmentos do povo Guajá nessas regiões, resultando no isolamento de vários grupos uns dos outros, e portanto na diminuição da sua capacidade de auto-reprodução biológica, como ainda está se dando atualmente com alguns grupos.

POLÍTICA INDIGENISTA

Em suma, a problemática Guajá só pode ser vista globalmente, na sua história interna e nas suas relações com o mundo exterior. A FUNAI, por procuração do povo brasileiro, do qual faz parte o povo Guajá, deve ser o intermediário e mediador dessas relações externas. Para isso tem que se armar não somente da sua melhor tradição histórica, como de criar uma nova inteligência indigenista que dê conta das mudanças que vêm ocorrendo nos últimos anos na sociedade brasileira e nas suas relações com o mundo indígena.

Como órgão responsável pela política indigenista, a FUNAI herdou da tradição do antigo SPI, que por sua vez já era depositário de uma série de práticas consagradas de políticas passadas, do Império e da Colônia, um cabedal de conhecimento, técnica e filosofia de trabalho, que, se bem dono de alto grau de ética e auto-sacrifício ("Morrer se preciso for, matar nunca"), não conseguiu obter os resultados esperados de favorecimento da continuidade étnica dos povos em questão. E porque esta falha?

Efetivamente a resposta a esta pergunta só pode ser muita ampla. Diz respeito desde a tradição histórica que não tem colocado no seu projeto de formação a presença ativa dos povos indígenas, até as relações mais amplas do confronto histórico e evolutivo de culturas e civilizações diversas e aparentemente contraditórias entre si. A transformação dessa tradição e a transcendência do confronto histórico-evolutivo são questões só resolvíveis se elaboradas politicamente, como vontade e projeto de um povo, o que demanda inteligência e poder que vão além de uma política indigenista em si. Mas que não pode ser ignorada por esta política.

No plano específico a uma política indigenista, a criação de uma política de ação para a problemática dos "índios autônômicos" pode ser encaminhada através da formação de uma filosofia indigenista que se baseie nos seguintes pontos:

01 - Os povos indígenas brasileiros não são remanescentes de épocas passadas. São povos contemporâneos e com estruturas sociais e políticas cape-

zes de se manterem autonomamente, isto é, por leis e costumes próprios, mas dentro de um contexto político mais amplo.

02 - Os povos indígenas são constitutivos da nação brasileira não somente de forma precedente, mas presente e futura.

03 - A sobrevivência dos povos indígenas é um ával do futuro do Brasil, seja pela preservação das riquezas naturais existentes em seu território, seja pela coexistência de formas diversas de organização socio-política e conhecimento adaptativo na natureza.

04 - Os povos indígenas não se aculturam nem se assimilam nos moldes concebidos pelas teorias antropológicas passadas e pelas políticas indígenas anteriores ou mesmo pela visão preconceituosa de segmentos da sociedade brasileira. Pelo contrário, o seu processo de relacionamento com a sociedade brasileira os leva a constituir novas formas de organização socio-política e visão do mundo, de maneira sincrética, porém orgânica e específica.

Transferidas e aplicadas ao caso Guajá, essas concepções se transformam nos principais objetivos do Programa Awa, que são, a sobrevivência física e cultural desse povo, sua adaptação às condições inescapáveis de cerceamento de seu território e contato com segmento da sociedade brasileira, a manutenção do maior espaço territorial possível para a sua sobrevivência cultural, inclusive na perspectiva de crescimento populacional futuro, e a ampliação do seu conhecimento do mundo que os circunda e que os coloca numa nova rede de relações políticas. A dificuldade desta tarefa será melhor compreendida ao ser visto, através de um pequeno histórico, os resultados dos últimos anos de contato e intervenção da FUNAI com os Guajá.

HISTÓRICO DO CONTATO RECENTE

O nomadismo Guajá, sua quase transparência e mimetismo com a floresta amazônica torna-os bastante difíceis de reconhecimento e contato. Esta característica, de fato, tem sido a sua principal arma de defesa e sobrevivência. Por outro lado, se bem que a adaptação Guajá às condições de vida na floresta prescindia de outros elementos culturais que não aqueles encontrados na própria floresta por métodos tradicionais, os Guajá, historicamente, sempre tiveram conhecimento e mantiveram contato com membros de outras sociedades que levam consigo objetos culturais não-Gujá, tais como os objetos de ferro, como o machado e a faca. Portanto, o isolamento dos Guajá não é e provavelmente nunca foi absoluto. Em todos os grupos Guajá dos quais já se teve notícias ou foram contatados por pessoas as mais diversas, sempre foram encontrados esses e outros objetos do mundo circun-

dante. Os próprio Guajá afirmam que sempre tiveram esses objetos, raros que sejam e portanto muito valorizados e requeridos para a sua melhor sobrevivência. É provável, inclusive, por hipótese, que a migração dos Guajá se deu na esteira da migração dos Urubu-Ka'apor, apesar de sua rivalidade e inimizade, em virtude dos bens de ferro que os Ka'apor eram capazes de obter do mundo circundante, e que, de uma forma ou de outra, terminavam em mãos Guajá.

Por essas razões as notícias de índios Guajá surgiram desde o século passado quando a grande maioria de sua população se localizava nos afluentes dos rios Capim, Guamá e Gurupi, em um território que era disputado também com os Urubu-Ka'apor e Tembé-Tenetebara. Em seguida, já na última década do século, surgem notícias de presença de índios nômades, já com o nome Guajá, nos afluentes do rio Caru. Provavelmente essas informações viam trazidas por pessoas que viviam naquela região junto a aldeias Guajajara, explorando óleo de copaíba e alguma seringa. Já então havia notícias de Guajá ao longo dos afluentes do médio rio Gurupi, onde frequentemente pelejavam contra os Tembé e Ka'apor. Com a decadência das aldeias Guajajaras no alto rio Caru, os Guajá se expandem para a margem leste do rio Pindaré e atingem os afluentes Buriticupu e o médio Zutuia, nos entremeios de aldeias Guajajara que progressivamente vão perdendo a sua pujança pelos constantes surtos epidêmicos a partir da década de 30. Pelo lado do Gurupi e Turiaçu, dá-se igualmente uma queda contínua da população Ka'apor a partir de 1949, e este espaço começa a ser ocupado por outros grupos Guajá. Basta constatarmos que a localização dos dois Postos Indígenas que servem aos Guajá, os PI's Guajá, no alto Turiaçu, e o Awa, no alto Pindaré, está exatamente em antigas aldeias Ka'apor e Guajajara, respectivamente. Outros territórios conquistados pelos Guajá, por outro lado, como o médio Zutuia, partes do alto Pindaré e alguns afluentes do Turiaçu, foram tomados pelas frentes de expansão, e os grupos Guajá neles localizados até meados de 70 estão hoje ou mortos, ou se encontram desvinculados de outros grupos, e por assim dizer ilhados e cercados por pessoas que lhes querem tomar o seu território. Por fim, o território de primeira permanência moderna dos Guajá, aquele compreendido entre o rio Caru e o médio Gurupi, não está demarcado e é disputado por empresas madeireiras e fazendas fictícias. Lá é que se encontra ainda hoje a maioria do povo Guajá.

FRENTE DE ATRAÇÃO E POSTOS INDÍGENAS

Já na década de 40 os Guajá foram objeto de preocupação por parte do SPI, sobretudo através do Posto Indígena Gonçalves Dias (atual Pindaré), que

jurisicionava sobre os índios Guajajara da região do vale do Pindaré. De fato, o posto fôí até transformado em posto de atração por volta de 1943 exatamente porque um pequeno grupo de Guajá surgiu nas margens do rio Pindaré e foi trazido para o convívio temporário do posto. Voltando à sua área, na região próxima da presente localização do PI Awa, pelo lado oposto do rio Pindaré, fugiram definitivamente ao contato oficial. Sua população foi estimada, exageradamente, em 3000 pessoas. Nessa mesma ocasião tem-se notícias de um grupo de uns 10 Guajá que foram contatados por índios Guajajara na altura do médio rio Zutiua, tendo todos morrido. Outras notícias de pelejas entre Guajajara e Ka'apor, contra os Guajá, continuam a aparecer ao longo de todos esses anos. Mas já começam a surgir informações por parte de pessoas das frentes de expansão regionais, sobretudo no atual município de Santa Luzia, na década de 50, e Monção, na altura de Zé Doca a partir de 1962.

Em 1965, com a abertura da rodovia São Luis-Belem, um grupo de Guajá com mais ou menos 12 pessoas é bruscamente contatado por uma turma de peões de estrada, nas proximidades do atual povoado Cocalinho, município de Monção. O Chefe do PI Gonçalves Dias é chamado e leva para o posto cerca de 6-7 pessoas, todas morrendo em alguns meses. Dos outros não se teve mais notícias. Uma década antes, mais ou menos neste mesmo local, havia um grupo de Guajá que frequentemente se deixava contatar por pessoas da área, pequenos moradores isolados que viviam em função do ramal da antiga linha telegráfica. Um aventureiro francês, François Beghin, que passava na região, chegou a conhecer esse grupo de 12 pessoas, e os descreve em termos não muito diferentes de outras descrições posteriores. Eram pessoas que moravam em pequenos tapiris, vivendo de coco babaçu e sobretudo jaboti e macaco guariba. Apresentavam pele parda e um tanto pálida, certamente por não tomar tanto sol quanto outros índios agricultores, estatura média de 1.60 para os homens e 1.45 para as mulheres, aproximadamente, cabelos negros cortados rente à testa e por sobre as orelhas e nuca, para ambos os sexos e vestidos, no caso das mulheres, com uma saia feita de fibra de tucum, no mesmo estilo em que faziam as tipoias de carregar seus nenês. Os homens andam nus, apenas amarrando o prépuccio do pênis com uma fibra. Usavam redes, também feita de fio de tucum, e arcos e flechas de grande tamanho, entre 1,80m a 2,20 de extensão para os dois tipos de flechas trabalhados. Alguns deles apresentavam cicatrizes de cortes e alguns defeitos físicos.

Daí por diante as informações de contato com Guajá aumentam intensivamente na medida em que a abertura das BRs 316 e 222 atraem o avanço da iren-

te agrícola camponesa, e na sua esteira a grilagem de terras. Em quase todos os povoados seminiais dos municípios de Monção, Bom Jardim e Santa Luzia há histórias de encontros com grupos de índios Guajá, de suas mortes por contaminação após os primeiros contatos e troca de bens, de seqüestros de crianças Guajá, tiradas de seus pais à beira da morte e levados para serem "criadas", tal como costumes regional, que vê a existência indígena como uma espécie de vida semi-animal, de muitas dificuldades, poucos benefícios e liberdade em excesso. Em São João do Caru, um dos povoados na beira do rio Caru, 1973, uma família de Guajá apareceu perto da casa de um posseiro e logo contraiu uma forte gripe, morrendo pai, mãe, uma filha. Um menino de 07 anos e outro de 15 ficaram nesta casa até que a FUNAI chegou a tomar conhecimento e enviou a antropóloga Valéria Parise para averiguar esse incidente. Trouxe os sobreviventes para São Luís. Um deles morreu de tuberculose três anos depois, já no Posto de Atração Guajá, Reserva Turiaçu. O outro sobrevive e é um dos rapazes que fala português e serve de interprete no contato com os outros grupos atualmente. Em Porto Franco, 1978, no centro sul maranhense, um grupo de 14 Guajá, acossados por moradores do alto Rio Pindaré, saíram de seu território tradicional, atravessaram o município de Amarante e uma parte do cerrado, e passaram a viver nas pontas de floresta naquela região, alimentando-se ocasionalmente de burros e porcos das fazendas vizinhas. Foram atacados por empregados a mando de um fazendeiro, morrendo quatro deles na ocasião, e um foi preso e levado para a cadeia de Porto Franco de onde foi tirado por uma comissão da FUNAI e levado à Casa do Índio, em São Luís. Nada foi apurado, nem a FUNAI buscou justiça para esses índios. O rapaz hoje vive no PI Guajá e é interprete. Em Timbira do Bogea, município de Santa Luzia, 1975, um grupo de Guajá foi visto perto do povoado que se formava. Semanas depois foram visto as ossadas de vários deles.

E assim os exemplos se adicionam, sem contar os casos omissos e omitidos de assassinatos a sangue frio por caçadores e pioneiros na abertura dessas frentes de expansão. Certamente a não demarcação de um território Guajá onde mais concentrava a sua população na década de 70, isto é, entre a Serra Azul e a Serra do Tiracambu, e além em direção ao rio Gurupi, ocasionou a contínua invasão por parte de posseiros e grileiros e consequentemente a morte de muitos Guajá, de quem atualmente só se tem relatos e histórias que fazem folclore na região dos povoados que margeiam o rio Caru.

Em março de 1973, tendo recebido notícias de um caçador da existência de Guajá no alto rio Turiaçu, a FUNAI organizou uma expedição que contou com a presença da antropóloga Valéria Parise, então respondendo por assuntos indigenistas na 6a. D.R., José Carlos Meireles, então chefe do P.I. Alto Turiaçu, recém-criado para os índios Ka'apor, Jairo Patusco, Chefe do P.I. Pindaré, o mateiro Florindo Diniz, de larga experiência de trabalho entre os Ka'apor da região, e outros trabalhadores avulsos. Contataram um grupo de 12 Guajá perto de um cocal de babaçu, que, pela raridade na região, ficou chamado de Cocal Grande. Posteriormente foi descoberto que este local já havia sido aldeia de índios Ka'apor, devido à presença de cacos de barro e resquícios de forno para torrar farinha. Após o contato, iniciou-se um plano de criação de uma frente de atração a qual passou a funcionar a partir de agosto daquele ano, ficando a cargo do Sr. João Moreira, antigo funcionário da 6a. D.R., mas praticamente dirigida por José Carlos Meireles.

Nos três anos seguintes outros grupos de Guajá se aproximaram da frente de atração, buscando implementos de ferro e até alguns comestíveis, como farinha de mandioca e arroz. Havia dois ou três grupos que frequentavam com assiduidade o posto, e totalizavam cerca de 52 índios, tendo aparentemente já morrido uns três ou quatro. No verão de 1976, por razões desconhecidas, e quando já havia saído da sub-chefia José Carlos Meireles, apareceram cerca de 91 índios Guajá no local da Frente Guajá, contados pelo Sr. Florindo Diniz. Nunca mais apareceram esses índios, não se supondo o seu destino, a não ser as hipóteses de morte por epidemia de gripe ou mudança total para outra região fora da atual Reserva Turiaçu. A primeira hipótese é parcialmente confirmada pelos atuais Guajá que vivem nas proximidades do Posto.

Em julho de 1978, a Frente Guajá foi assumida pelo sertanista Sidney Possuelo. Em agosto, no seu primeiro recenseamento, houve uma contagem de 50 Guajá, sendo 30 homens e 20 mulheres, um desequilíbrio um tanto exacerbado das condições normais da demografia Guajá, e cuja explica

ção não é dada pelo sertanista.

Por razões não explicadas, começa a haver um contínuo decréscimo populacional desses índios, quase sempre de forma brusca e rápida, causado pela propagação de gripes e suas conseqüências pulmonares. Em janeiro de 1979, nove índios morreram há alguns quilômetros da Frente de Atração, devido ao contato que faziam com um grupo de posseiros que haviam invadido a área e que lhes transmitiram gripe. Uma criança de colo foi levada por um dos posseiros e mais tarde faleceu em sua casa, no povoado Ebenézia, localizado fora da Reserva. Um índio adulto veio até a Frente já bastante doente, com insuficiência hepática; foi levado a São Luís pelo chefe da Atração Guajá, e em fevereiro faleceu no Hospital do IPEM. Em março nasceu um nenê. Em novembro morreram um homem e uma menina, vitimados de gripe ou malária. Em fins de novembro chegou a primeira equipe médica na Frente para vacinar todos os índios no posto, 34, já que um grupo de 4 permanecia mais isolado. Dadas as vacinas contra sarampo, tuberculose e poliomielite, a um só tempo, os índios se assustaram com as primeiras reações e correram para a floresta. Lá vieram a falecer 6 mulheres e 2 homens, entre esses uma recém-nascida. Em abril de 1980 morre mais uma mulher grávida e em fevereiro de 1981 morre uma pré-adolescente, deixando assim a população Guajá no seu nadir absoluto: 28 dos quais, 21 do sexo masculino e apenas 7 do feminino, sendo que três rapazes Guajá haviam vindo de outras regiões e não pertenciam aos grupos em contato na região. Em suma, de 91 índios conhecidos em 1976, restaram 25, cinco anos depois. Este é o grupo liderado por Tamakainã. Durante outubro/novembro de 1979, o sertanista da Frente fez uma viagem de reconhecimento na Reserva Carú, onde, com alguma dificuldade, entrou em contato com um grupo de 13 Guajá junto ao igarapé Presídio. Esses índios habitualmente se relacionavam com pequenos invasores da área e continuaram a permanecer na região. Também nesse período, até fevereiro de 1980, quando a Frente passou a ser simplesmente um posto indígena, houve tentativas de contato com índios Guajá em várias localidades no município de Santa Luzia, Porto Franco e Amarante, mas sem maiores sucessos.

Em março de 1980, surgem informações de que um grupo de Guajá apareceu perante alguns lavradores no município de Santa Luzia, na altura das cabeceiras do igarapé Timbira, a 15 km do povoado Centro dos Pau lo. A FUNAI organizou então uma equipe para entrar em contato com esse grupo, composta do chefe do P.I. Guajá, Antonio Iau de Araújo, do chefe do P.I. Caru, Raimundo Mourão, do médico da FUNAI Reinaldo Dames e do antropólogo Mércio Pereira Gomes. Essa equipe leva a efeito o contato permanente com esse grupo, que se compõe de 28 pessoas, sendo 17 do sexo masculino e 11 do feminino.

Vivendo apenas numa pequena parte da floresta, tendo quase todo seu território tomado pela invasão de lavradores e grileiros, esses Guajá resolveram aparecer perante os civilizados como forma de salvação, pois que até os cocais de babaçu tão necessário à sua sobrevivência já haviam sido derrubados para fazer roça. A FUNAI decidiu então transferi-los para a Reserva Caru, distante 60 km do local de contato, por uma passagem que evitaria os inúmeros povoados que os separavam da reserva. Uma equipe formada pelo Sr. Domingos Pereira, o médico Reinaldo Dames, o Sr. João Chaves da Silva, e mais o referido antropólogo e o missionário da CIMI, Pe Carlos Ubbiali, acompanhados de dois Guajá do P.I. Guajá, Takdjia e Txiapanamhu, levaram os índios do igarapé Timbira até o Tabocão. Porém a certa altura o grupo de Guajá resolveu se subdividir em três sub-grupos sendo que um de 10 pessoas permaneceu na companhia da equipe de transferência. Em poucos dias contrairam uma forte gripe. Foram medicados os presentes, enquanto os ausentes permaneciam sem contato. Sete dias depois três sobreviventes de um grupo de 13 voltaram ao acampamento matriz dizendo que os outros haviam morrido nos últimos três dias, causada pela gripe e inanição. A equipe de transferência foi à procura desse sub-grupo encontrando três ainda vivos, e trazendo-os de volta ao sub-grupo dos 10. Em seguida apareceram os cinco restantes que haviam tomado rumo diferente. Porém, ainda antes da transferência final, morre uma mulher das que foram resgatadas do grupo de 13. A transferência final se dá portanto com 20 do grupo original de 28, liderados por Txiapatia.

Este grupo passa a viver num local dentro da Reserva Caru, a partir de setembro de 1980. Posteriormente entra em contato com outros Guajá da área, inclusive o grupo que esteve em contato rápido com o sertanista Possuelo. Em 1981 havia incorporado duas pessoas desse último grupo, perfazendo assim 22 por volta de dezembro de 1981.

Em dezembro de 1981, todo o grupo contrai malária levada por trabalhadores rurais empregados pelo encarregado do então sub-posto Awa para fazer as roças que alimentariam os Guajá quando estes quisessem permanecer nas proximidades do sub-posto. Três pessoas morreram no mês seguinte. Em agosto do mesmo ano morre uma das mulheres que fora incorporada pelo grupo imigrado. Aí começa a nascer crianças a partir de julho daquele ano. Em novembro de 1983, dá-se uma epidemia de sarampo, embora de forma atenuada, já que haviam sido vacinadas um ano antes. Morre uma mulher, aliás, quando estava sendo transportada de helicóptero como medida de emergência, para Santa Inês. Em janeiro de 1985, restava do grupo original dos 28 apenas 16. Haviam nascido 5 e mais nove pessoas se incorporaram, totalizando assim 30 Guajá vivendo aproximadamente ao atual P.I. Awa (criado em fevereiro de 1983).

A partir de meados de 1982 iniciou-se o trabalho de desenvolvimento do Convênio CVRD/FUNAI, motivado pela passagem da estrada de ferro Carajás em áreas próximas a áreas indígenas, demarcadas ou não. A partir do primeiro relatório antropológico de avaliação da área, foram beneficiados pelo convênio, todas as reservas que fazem parte do sistema Pindaré, inclusive Turiaçu e Caru, onde estão os postos que servem aos Guajá. Foi reativada a Frente de Atração, a qual, por falta de experiência e conhecimento do caso Guajá, não conseguiu criar nem dar continuidade à assistência Guajá, mantendo os dois postos Guajá independentes entre si e sem ligação com a questão de contato com outros Guajá e a seleção de um território Guajá. Mesmo assim, em agosto de 1984, um grupo composto pelos Srs. João Chaves da Silva, Edmilson Veras, Bento Guajajara e Ubirajara Carvalho Guajajara, entrou em contato com um grupo de 14 Guajá que vivem entre as cabeceiras do

igarapé da Água Branca, no limite atual da Reserva Caru, e o igarapé Brejão, num local onde estava havendo uma invasão de pequenos posseiros e fazendas fictícias, conhecido pelo nome de Cocal dos Índios. Após algumas semanas de contato e conversas, o líder dos Guajá, um homem de uns 50 anos por nome Pirá, veio a falecer, causando o abandono do local de contato e saída do grupo para outra paragem que faz parte de seu território, a uns 40 km de distância. Esses índios, aparentemente liderados por Mirimiri, continuam sem contato.

Nesse pequeno e rápido balanço da ação da FUNAI, pode-se perceber a sua pouca eficiência em relação ao problema de sobrevivência dos Guajá, tanto pelo lado da proteção de seu território quanto pelo lado de assistência de saúde. Se supormos que dos 91 Guajá vistos em novembro de 1976 no P.I. Guajá, 20 de fato fugiram para outras áreas, temos que houve um decréscimo da ordem de (71-25 = 46 Guajá mortos) 65% entre março de 1973 e maio de 1981. Pelos problemas advindos da transferência, a ordem de decréscimo do grupo de Txipatzia esteve em (28-16 = 12) 40% entre abril de 1980 e novembro de 1983. Tal melhora não é suficiente para merecer nenhum elogio, embora possa se comparar também o saldo do balanço demográfico dos Guajá que se encontram nas imediações dos dois postos. No P.I. Guajá há, de 35 pessoas, 24 homens e 11 mulheres. No P.I. Awa, de 30 Guajá, 15 são do sexo masculino e 15 do feminino, embora uma certa parte das mulheres seja meninas muito pequenas. De todo modo, é evidente que este é um equilíbrio demográfico bom, sobretudo se compararmos com o fato de que há no P.I. Guajá 10 rapazes com mais de 14 anos que não têm nenhuma possibilidade de ter parceiros femininos nos próximos 10 anos, já que das 11 mulheres do grupo 7 já são casadas e 4 têm menos de 5 anos. A necessidade de se promover o encontro desses e outros grupos Guajá é mais que evidente. A proporção do grupo de Mirimiri é de, surpreendentemente, 5 homens para 8 mulheres,

No P.I. Awa, dentro da Reserva Caru, cuja parte norte é de controle dos índios Guajajara, há um número ainda indefinido de índios Guajá,

dos quais se conhecem pelo menos 16 que vivem em dois grupos. Há notícias através desses índios de dois ou três grupos mais vivendo nos limites da Reserva e um sem número fora desta reserva mas ainda dentro dos limites da Reserva Florestal do Gurupi. Dos 16 índios ainda conhecidos oficialmente porque com alguma frequência vêm ao posto para receber brindes de facão e outros objetos, 11 vivem em grupo liderado por Txiami (6 homens e 5 mulheres) e 5 com o líder Kamana'ĩ (3 homens e 2 mulheres). Até outubro de 1984 havia um outro grupo de 8 liderados por Kaipirá. Cinco deste grupo, inclusive Kaipirá, morreram em outubro vitimados por uma gripe contraída através de invasores da área, sobretudo do Povoado Porco Morto, que frequentemente se encontram com índios da reserva. Duas sobreviventes foram morar com o Txiami e um veio viver com o grupo de Txipatxiá. É de se notar que o chefe de posto Awa tomou conhecimento deste caso algumas semanas depois, porém não constatou posteriormente a veracidade do fato, nem deu comunicação a 6a. D.R. Este fato só foi comprovado depois da criação do Programa Awa.

Na verdade, não foi de outro modo que morreram tantos Guajá na Reserva Turiagu: As infecções pulmonares são o seu principal algoz e muitas vezes ceifam vítimas sem que haja nenhuma assistência do posto, seja por falta de conhecimento do pessoal encarregado, seja, como já ocorreu anteriormente, por desleixo e incompetência, ou seja ainda por falta de uma política médica baseada no conhecimento e prática antropológica e indigenista em relação aos Guajá. Esta certamente será uma das principais metas do Programa Awa.

POPULAÇÃO GUAJÁ ATUAL E ESTIMADA

A população Guajá atualmente conhecida em detalhes se resume aos seguintes grupos:

	H	M	TOTAL
1 - Tamakainã (P.I. Guajá - Res. Turiaçu)	24	11	35
2 - Txipatxia (P.I. Awa - Res. Caru)	15	15	30
3 - Txiami Res. Caru -ig. Presídio	06	05	11
4 - Kamana'í Res. Caru -ig. Presídio	03	02	05
5 - Mirimiri Lg. Brejão - Reserva Awa	05	08	13
TOTAL			94

Há porém os seguintes grupos já conhecidos por informações de caçadores, posseiros ou outros índios Guajá ou Guajajara, com algum grau de precisão quanto ao tamanho e localização.

6 - Iamatama'a - Res Caru	(est)	15
7 - 1º Grupo s/nome Res. Caru	(est)	20
8 - 2º Grupo s/nome Res. Caru	(est)	25
9 - Grupo do ig. Água Preta - Res. Awa	(est)	15
10 - Grupo do km 100 - Além dos limites da Reserva Awa	(est)	12
11 - Grupo do ig. Turizinho - Entre Turiaçu e Caru	(est)	18
12 - Grupo da Res. Araribóia - Próximo ao PI Canudal	(est)	30
13 - Grupo próximo da Res. Araribóia	(est)	13
14 - Grupo que fugiu de Porto Franco-Goiatins-Go.	(est)	08
Sub-Total		156

Além desses grupos há notícias mais longínquas de outros grupos Guajá que se encontram entre o rio Caru e o rio Gurupi, na área da futura Reserva Awa. Essas informações são ocasional e furtivamente

156
94
250

prestadas por pessoas que trabalham para madeireiros e que invadem essa reserva vindos de Açailândia ou mesmo Paragominas, e empregados das fazendas fictícias que pretendem se instalar impunemente na área, como a VARIG, SAMBRA, SOCIC e outras. Em virtude do tamanho desta área (cerca de 350.000 hectares) da sua inacessibilidade e portanto pouca presença de pessoal das frentes de expansão, e sobretudo por esta ser a área de estabilidade e fulcro de expansão Guajá desde meados do século XIX, pode-se calcular a existência de pelo menos 10 grupos Guajá com uma média de 12 pessoas cada. Assim, manifesta-se a possibilidade real de existência de cerca de 370 (94+156+120) Guajá.

RESERVA AWA

Diante de uma população dessa magnitude e em virtude da especificidade de socio-cultural desse povo, o Programa Awa vê como consequência de sua ação e filosofia de trabalho o empenho em demarcar uma área exclusiva a esses índios, sem prejuízo das atuais em que permanece. Esta área, em princípio, se localizaria a partir da Reserva Caru em direção oeste e sul, abrangendo os limites da Reserva do Gurupi, que por decreto presidencial de 1961 existe em área de 1.560.000 ha e pertence oficialmente ao IBDF e FUNAI (SPI). Uma parte dela está incluída nas atuais reservas indígenas Turiaçu e Caru; outra está invadida por mais de 50.000 posseiros e é irrecuperável. Outra permanece relativamente incólume, a não ser pela presença de pretensas fazendas, que não são mais que motivos de especulação de terra e totalmente ilegais. Assim a ação do Programa Awa seria meramente de validação oficial dos antigos limites possíveis da Reserva Florestal do Gurupi. Se neste mister ocorrer resistências elas serão conduzidas e ultrapassadas pelos limites da boa razão e legislação que jurisdicciona sobre os direitos históricos e inalienáveis dos povos indígenas.

Aqueles grupos Guajá, porém, que se encontram muito distantes dos limites da futura Reserva Awa, serão contatados com o intuito de per

suadi-los a buscar refúgio e condições de sobrevivência nesta esperada reserva. Neste caso, como o do Grupo de Goiatins, será feito um trabalho de transferência dentro do conhecimento desse problema e suas dificuldades inerentes.

SAÚDE GUAJÁ

Junto com a permanência e, inviolabilidade de seu território, é, indubitavelmente, a saúde o ponto primordial para a sobrevivência dos Guajá. Certamente a pouca atenção, ou a atenção indevida e incriteriosa em relação a esta questão tem trazido as grandes perdas populacionais de grupos Guajá em contato ou mesmo isolados, pondo em risco a sua própria sobrevivência física. A comparar com outros povos nômades que receberam o impacto do contato, como os Xetá, da Serra dos Dourados, PR, os Ava-Canoeiro, do Alto Tocantins, GO e os Guayaki, do Paraguai, a saúde dos Guajá, requer uma atenção muito especial, senão inédita na história médica do indigenismo. Isto porque a saúde requer não somente assistência médica por si, do tipo ocidental, mas conhecimento das práticas médicas Guajá, de sua concepção de vida e morte e da maneira médico-antropológica adequada para se intervir no processo da aquisição das doenças ocidentais, de prevenção e de cura.

Seria de todo modo ingênuo e irresponsável acreditar que o Programa Awa tem uma fórmula para resolver esta questão. A criação de uma equipe para esse fim, composta de médico, enfermeiro, dentista e atendentes de enfermagem, seria o primeiro passo. Ao trabalhar em conjunto com a equipe indigenista, dela fazendo parte inclusive no processo de contato e relacionamento com os Guajá, esta equipe médica aos poucos encontraria um caminho mais completo de assistência de saúde integrada à cultura Guajá.

O que é necessário frizar é o reconhecimento a priori de que a assistência médica constitui-se numa intervenção, a qual, na visão indígena, parece ser globalizante, pois diz respeito a conceitos de vida e morte, a injunções ao corpo do indivíduo e à liberdade da cultura. Po

rém é uma intervenção necessária, estudada, consciente e com um propósito único: obter condições de sobrevivência dos Guajá. Alie-se a esse propósito a intenção e o projeto de aplicar o saber médico junto com progressivo conhecimento deste saber por parte dos próprios Guajá, evitando desta forma a mistificação médica tão comum entre povos indígenas recém-contatados.

CONCLUSÃO

Na elaboração do Programa Awa foi previsto um prazo de 03 anos para a conclusão de sua fase de implantação e a conclusão das metas iniciais, isto é, a demarcação da Reserva Awa, a formação da Equipe Guajá, inclusive nos setores médico e antropológico e o estabelecimento da política de relações paritárias entre os Guajá e a equipe Guajá visando o fortalecimento da cultura Guajá pela ampliação do seu conhecimento do mundo exterior.

A continuação do Programa Awa por prazo mais dilatado dependerá do sucesso e bom desempenho desse primeiro estágio previsto, é, ao ser reavaliado, certamente haverá de incorporar novas idéias e práticas adquiridas nesses anos de implantação. O futuro dos Guajá, uma vez equilibrado a sua demografia, deverá passar pela ampliação do seu conhecimento do mundo exterior e portanto do seu posicionamento perante este mundo, sobretudo nos aspectos político e econômico.

